

# GOG MAGOG

***PATRÍCIA MELO***

**GOG MAGOG**

*Rece*

*Copyright* © 2017 by Patrícia Melo

Edição brasileira desta obra publicada mediante acordo com  
Literarische Agentur Mertin Inh. Nicole Witt e K.,  
Frankfurt am Main – Alemanha

Direitos desta edição reservados à  
EDITORA ROCCO LTDA.  
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar  
20030-021 – Rio de Janeiro, RJ  
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001  
rocco@rocco.com.br  
www.rocco.com.br

*Printed in Brazil/Impresso no Brasil*

CIP-Brasil. Catalogação na fonte.  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Melo, Patrícia, 1962-  
M486g Gog Magog / Patrícia Melo. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Rocco, 2017.  
ISBN: 978-85-325-3092-9  
ISBN: 978-85-8122-710-8 (e-book)  
1. Romance brasileiro. I. Título.  
17-44030 CDD–869.93  
CDU–821.134.3(81)-3

O texto deste livro obedece às normas do  
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

*Para meu amigo Cláudio Rossi*

*“I will show you fear in a handful of dust.”*  
T.S. Eliot, The Waste Land

# PARTE 1



# 1

**NÃO TENHO OUVIDO ABSOLUTO** como certos músicos, nem sensível como o dos cachorros, mas jamais entendi por que o ruído não é considerado um tipo eficiente de arma branca.

Uma gargalhada como a que vem do andar de cima, em rajadas histéricas, pontiagudas, no meio da madrugada, também tem o poder de ferir, pensei, ao despertar. Não como a pistola, a faca, ou a corda. Seu efeito é mais parecido com o de certos venenos que não chegam a matar, mas estragam a nossa saúde. Apodrecem nosso fígado. Desorganizam nossa mente.

Mais uma noite de sono interrompida. Agora era assim. Em certas madrugadas, obrigavam-me a escutar músicas blasfemas. Ou gemidos de cópulas. Vozes. Estrépidos. Muitas vezes, aparelhos elétricos zunzunavam lá em cima. Televisão. Se não zumbiam, matracavam. A altas horas, estalavam. E os pés do diabo, esses só vendo. Não me davam paz em momento algum. Tek tetek, tek, tetek,

cruzando o corredor, daqui pra lá, de lá pra cá, madrugada adentro.

Onde está aquele pacato professor de biologia?, eu me perguntava, surpreso com as ideias violentas que surgiam em minha mente, cada vez que era incomodado pelo novo vizinho. Ygor era seu nome. Assim mesmo, com ípsilon. O ípsilon devia ser importante na economia de seus – talvez – falecidos pais, e por isso eu o chamava de senhor Ípsilon.

Nome da criança?, perguntara o escrivão. Eu bem podia imaginar a cena ocorrida na família Silva, havia mais de duas décadas. Ygor com ípsilon, responderam os Silva, acreditando que o ípsilon daria ao moleque um futuro mais promissor, quem sabe um jogador de futebol?

Era a mesma lógica dos pais de muitos de meus alunos que anualmente enchiam minha lista com uma chusma de nomes esdrúxulos, cheios de duplas consoantes e letras inexistentes no nosso alfabeto, antes da nossa reforma ortográfica.

No caso do senhor Ípsilon, é verdade, a mandinga parecia funcionar. O carro dele, ao menos, era melhor que o meu. Suas roupas também. Isso contribuía para aumentar minha antipatia.

Ao comprar o apartamento, no início da minha vida no magistério, eu sabia que poderia enfrentar todo tipo de problema, desemprego, dificuldade de pagar o finan-

ciamento; considerava até mesmo a possibilidade de estar condenado a passar o resto dos meus dias lá, enfiado naquele espaço exíguo, num bairro feio da cidade. Jamais supus, no entanto, que teria um gerador de ruídos daquela natureza a menos de três metros acima da minha cabeça.

Seria fácil subir o único lance de escadas que me separava do senhor Ípsilon sem ser visto. Não havia câmeras no nosso prédio. Se ele estivesse sozinho, falando ao telefone, como parecia, eu nem soaria a campainha. Dois toques discretos na porta. E quando ele aparecesse na minha frente, com seu olhar de suíno, eu simplesmente meteria um tiro no meio da sua testa. Assunto resolvido. Em dois segundos eu já estaria de volta, embaixo dos lençóis. Como me pegariam?

O síndico relataria aos policiais minhas frequentes queixas, descreveria a troca de insultos entre mim e o senhor Ípsilon. Viviam às turras, diziam os outros moradores. Mas, e daí? Por que razão afinal o Novo Testamento transformou o “ame seus vizinhos” do Velho Testamento em “ame seus inimigos”? Desde os tempos bíblicos, vizinho é sinônimo de inimigo.

A questão mais complicada, pensei, sem forças para me levantar, seria a logística. Onde eu conseguiria uma arma? Na escola? Com os mesmos galaláus que me ameaçavam cada vez que recebiam um zero?

Eder, por exemplo. Um latagão de quase dois metros, cheio de erva na cabeça. Eu poderia pagá-lo para fazer o serviço. Não duvido que fosse experiente nesse assunto. De um jeito ou de outro, todos aqueles meninos pobres, que saíam do ensino fundamental vagamente alfabetizados, acabavam no crime. Tenho certeza que Eder ficaria feliz por não ter que comparecer às minhas aulas. Presença garantida e nota alta até o final do ano, eu diria, se você me fizer um pequeno favor. Quer que eu troque o pneu do seu carro, professor? Que carregue seu material? Nada disso, Eder. Quero que você mate meu vizinho. O plano é simples. Só precisamos da moto que você usa para trabalhar como office-boy e da arma com a qual você assalta, nos fins de semana.

Odaír, professor de matemática, havia me contado recentemente que muitos de nossos alunos participavam de assaltos aos sábados e domingos, para completar a renda advinda do trabalho como office-boy ou carregador de supermercado.

Vá de moto, eu diria ao Eder, e aguarde até que meu vizinho saia da garagem. É fácil reconhecê-lo: um tipo bexigoso, com carro do ano. Não há dois no mesmo prédio. Siga-o por duas quadras até que surja a oportunidade, você sabe, um sinal mais deserto nesse nosso bairro desolado. Não é fácil?

No início, ninguém suspeitaria. Mesmo que houvesse testemunhas, quem se atreveria? Há regras por aqui. Nada

vemos, nada ouvimos, nada falamos, como na lenda dos três macacos. Temos medo dos bandidos e pavor da polícia. De um, somos alvo, pelo outro, somos achacados. O problema, concluí desanimado, seria o próprio matador. E se mais tarde, ele passasse a me chantagear? Eu seria então obrigado a criar uma ciranda homicida no colégio? Jocelen que mata Wesley que matou Sueliton que matou Eder? Mesmo que o assassino não me extorquisse, haveria ainda o risco de que ele fosse preso, num futuro não muito distante, por outro crime, e que acabasse denunciando meu envolvimento na morte do senhor Ípsilon. Como eu deitaria a cabeça no travesseiro com tranquilidade para dormir? Não, pensei, se for para matar, melhor que seja eu a apertar o gatilho. E nesse caso, me perguntei, será que eu poderia contar comigo? Seria eu mais confiável do que um bandido qualquer? Dominar a si mesmo é uma arte mais complexa do que a arte de cometer um crime. E se eu falhasse? E se errasse o alvo? E se em vez de assassinar, eu aleijasse? Ou se, bem-sucedido, o remorso me comesse vivo? Não sou assassino, repeti em voz alta, saltando sobre o corpo de minha esposa. Marta nem sequer se mexeu na cama. Ela vinha tomando soníferos que trazia do hospital onde trabalhava, psicotrópicos tão potentes que iam muito além da indução ao sono, provocando uma espécie de coma noturno, um suicídio reversível pelas manhãs. Por que eu não fazia o mesmo? Talvez resolvesse o estresse, é verdade. Mas o magistério me criava problemas

suficientes para que eu ainda tivesse que me preocupar com sangramentos no duodeno ou coisas piores descritas nas bulas. Hepáticas. Cancerígenas.

Esqueça essa rixa, dizia Marta, com razão. Vá corrigir provas. Vá preparar suas aulas. É antiproducente responder com a bile, ela supunha. Na teoria, eu concordava. Na prática, estava cagando para a teoria, sobretudo porque já havíamos tocado a campainha do homem, com uma garrafa de vinho, que depois encontrei jogada na lixeira do prédio, ainda fechada.

Gala, nossa velha gata, me seguiu sonolenta pela casa e se escondeu sob o armário ao me ver pegar a vassoura na cozinha.

Puxei um banquinho de fórmica para o centro do ambiente e me empoleirei ali, segurando a vassoura como quem empunha uma espada. Esperei até ouvir o HahaHAHAHAHAHAHAhahaha diabólico, e então golpeei o teto energicamente como se furasse o ventre de um dragão.

A tática doméstica não resolvia, mas controlava o problema, além de funcionar como uma espécie de válvula de escape para o ódio que eu vinha cultivando desde que começamos aquela rixa, havia mais de seis meses. Gala é que não gostava. Tive que retirá-la de baixo do armário da pia, e esfregar meu nariz no seu focinho, como sempre fazia para acalmá-la.

Já estava rumo ao quarto novamente, com a gata nos ombros, quando algo inédito aconteceu. Uma espécie de eco tardio das minhas estocadas reverberou na sala. E de repente, silêncio. Um silêncio ruim, artificial, cheio de ameaças. Paralisado de raiva, só o que eu ouvia era a minha respiração de caçador. Retornei à cozinha, peguei a vassoura. Gala correu para trás da geladeira. Espetei o teto com menos vigor, só para testar se havia ali uma torpeza. Não demorou nem um minuto para que viesse a resposta lá de cima: toc toc toc. E então uma nova carga do riso blasfemo atravessou a laje e se cravou em meu cérebro como uma faca afiada.

Senti um espasmo interno, uma fisgada no umbigo que fez tremer todo o meu corpo, até as pontas dos dedos. Então era aquilo mesmo? Além de nos estorvar, agora o miserável fazia piadas?

Numa explosão de fúria, estoqueei o plafond uma, dez, vinte vezes, como se eu fosse um Jonas, tentando escapar das entranhas de um monstro marítimo. Como se eu fosse Ismael lutando contra a sua baleia branca. Não era apenas o desejo de matar o meu vizinho que me consumia. Eu também queria destroçar suas vísceras e empalar seu corpo com meu arpão improvisado.

Só parei ao notar o piso coberto de estilhaços de gesso. Meus braços ardiavam. Exausto, larguei a vassoura, com

uma sensação ruim, como se eu estivesse reduzido a um punhado de nervos e sangue.

Sentei-me no chão sujo de despojos do reboco, fechei os olhos, pensando que, se soubesse chorar, talvez fosse bom para a saúde. Sentia-me estuprado. Abatido. Intoxicado. Aquele homem sugava minhas energias. Surrupiava minha noite, meu domingo, minha paz.

Deve ser assim que um sujeito acaba tomando coragem, pensei. Numa hora dessas, um revólver ao alcance das mãos é tudo o que um homem pacato e honesto como eu necessita para se transformar num assassino de verdade.

## 2

**TEK. TETEK. PONTA E CALCANHAR.** Pés indo e voltando. Banheiro. Quarto. Tek. Tetek. E quarto. E banheiro. Ponta. Calcanhar. O frevo matinal do senhor Ípsilon, com trotes curtos, ligeiros, numa cadência contínua e nervosa, me permitia vislumbrar seu perfil: neurótico, desregrado, confuso. O que era aquilo? Ablução a crédito?

Sentado à mesa para o desjejum, depois de ir a pé até a padaria e preparar ovos mexidos, eu sentia como se os sapatos do senhor Ípsilon pezunhassem no meu pão fresco, na minha salada de frutas e no meu futuro.

Marta, metida no seu velho roupão cor de rato, entrou na sala arrastando as pantufas, e, antes mesmo de se juntar a mim, telefonou para o hospital para pedir notícias de um paciente.

Geralmente, sua figura esmaecida me lembrava daquela nossa velha roupa de boa qualidade lavada em excesso e reduzida ao asseio. O hospital fizera isso. Não que eu

fosse mais viçoso. O magistério também acaba com uma pessoa. Ao menos, eu ainda era um homem. Digo, se me olhassem na rua, veriam um homem. A mulher Marta fora carcomida pelos plantões. Diminuíra, perdera as pétalas. Sobrara só um punhado de carne para preencher o jaleco e segurar a seringa.

Naquela manhã, no entanto, notei algo novo em sua figura miúda. Conforme se agitava, ao conversar ao telefone, uma luz dourada surgia em sua cabeleira volumosa. Finalmente ela havia escutado os apelos da nossa filha e dado um fim nos fios brancos. Pensei em fazer um elogio. Ficou bonito, eu ia dizendo quando ela desligou. Porém, antes que eu abrisse a boca, ela já estava me contando que fulano havia acabado de morrer na enfermaria. “Eu sabia”, comentou, enchendo sua xícara com o café que eu acabara de preparar. “A gente sente essas coisas”, continuou, “tem a ver com os olhos, os olhos morrem antes. São os primeiros a morrer. Às vezes, o resto do corpo ainda está lá lutando, querendo sobreviver, mas os olhos, esses já entregaram os pontos.”

“Como os ratos num navio que se afunda”, pensei em comentar. Ponta e calcanhar. Mas Marta não queria escutar nada, eu sabia. Tek. Tetek. Queria falar. Ponta e calcanhar. Precisava falar. Seu celular estava cheio de fotos de gente fodida, transparente, rasgada e costurada, alguns cancerosos, outros enfartados, alguns ligados a tubos, ou-

tros em cadeiras de roda, este se chamava Guilherme e aquela Rosana, esta é Norma e aquele é Maurício, todos melhorando ou morrendo, às vezes melhorando subitamente para morrer logo depois. Não que Marta quisesse minha opinião ao relatar-me os casos, nem era uma conversa, um diálogo, era mais uma “desova”, uma forma de Marta se livrar do câncer dos outros, do enfisema alheio, da falência súbita e da infecção generalizada que faziam parte da sua rotina. Era comum que eu a ouvisse com atenção, fazia-lhe bem minha disponibilidade, e essa era nossa comunhão: ela despejava e eu recolhia. Ao menos, no café da manhã. Mas de repente havia aquilo entre nós: tek. Tetek. Quarto e banheiro. E banheiro e quarto.

“Ele está se preparando para sair”, eu disse com o dedo apontando para o teto. “Você ouve?”

A audição, eu vinha notando, também requer inteligência. Não estou afirmando que Marta era burra. Mas certas pessoas só escutam o que veem.

“Está ouvindo?”, insisti.

Ela soltou um suspiro de impaciência. Hoje me pergunto se é possível que suas alterações de humor fossem também o efeito colateral do barulho produzido pelo senhor Ípsilon. Não seria diferente se nossa audição, em vez de estar todo o tempo aberta para ondas longitudinais e vibrações da pior espécie, possuísse também uma proteção, como nossos olhos? Se uma membrana espessa de-

sativasse nossa capacidade de ouvir de acordo com nosso desejo? Ao menos enquanto dormimos? Não somos só o que comemos, eu já vinha suspeitando. Somos também o que escutamos. Na escola, ao menos, o fenômeno já era verificável. Que diabos está acontecendo?, nos perguntávamos nas reuniões de professores, assustados com a atitude agressiva da garotada. Os pivetes riam na nossa cara. Nos insultavam. E até nos matavam, quando arranjavam uma arma. Vivíamos atemorizados. Não dávamos as costas ao escrever na lousa. Havia sempre o risco de ataques. Reprovar, nunca. Com zeros, surgiam ameaças e quebradeiras. Um pouco antes da meia-noite, ao soar o sinal, o corpo docente deixava o colégio num bando coeso, aos sobressaltos, olhando para os lados, com medo da emboscada na esquina. Não me surpreenderá se alguma pesquisa americana nos relevar no futuro que o grande problema dos nossos alunos é o hip hop, eu disse certa vez. O funk. Ruídos matam bactérias, está provado. O que esses detritos musicais e essa barulheira infernal das cidades não estarão fazendo com nossa empatia?

Marta não poderia estar, como eu, alterada pelo bash, bau, blém, crash e cleng do senhor Ípsilon? Só o que posso dizer é que, naquela altura, eu já não conseguia mais compreender minha mulher. Sentia-me desnortado com seu comportamento errático. Se um dia me dava razão, no outro, a culpa era minha. Ora ela me entendia e ora me

odiava. “Você reclama demais”, ela falou naquela manhã. Levantou da mesa, carregando sua xícara e seu prato, e disse que eu estava envelhecendo “de um jeito horroroso”.

Tive o cuidado de não responder, sabia que ela ia explodir. A rebentina ocorreu segundos depois, quando Marta se deparou com o estrago no teto da cozinha. Deixei que ela gritasse, que cabriolasse e escabujasse. Por fim, passou a crepitar, como sal jogado em fogueira.

Aproximei-me, levando o resto da louça suja. Marta observava o estuque cheio de furos, seu corpo estalava de raiva.

“É o fim.” Acho que foi isso o que ela disse.

“Vou arrumar”, garanti.

“Você?”, ela perguntou, num tom de escárnio.

Respondi: “Estamos para entrar em greve. Logo terei tempo de sobra.”

“Você não sabe arrumar porra nenhuma”, ela retrucou, antes de me deixar sozinho, plantado na cozinha.

Não estranhei quando ela me comunicou, mais tarde, que trabalharia num plantão extra naquele sábado para substituir uma amiga. A ideia de ficar sozinho me aprazia, e não me ocorreu que algo suspeito já estivesse acontecendo.

À tarde, depois de lavar seus uniformes e ajeitar a casa, peguei um maço de provas e sentei-me na sala, com um copo de cerveja, para o trabalho de correção.

Um cheiro bom de asseio misturava-se ao das mangas e goiabas que eu ajeitara na fruteira, e logo uma sensação agradável fez com que eu esticasse as pernas no sofá para uma pequena sesta. Quando o silêncio caiu, por fim, cobrindo os ruídos domésticos, senti como se estivesse sob efeito de uma droga poderosa. E era só silêncio. Mais nada. Nem se tratava de um silêncio completo, porque isso seria a felicidade plena e a felicidade não existe na totalidade, só em partes, como todas as invenções industriais.

Dormi profundamente, como há muito não ocorria, e tive sonhos agradáveis. No início da noite, fui despertado por um tipo de música que não nos chega só pelos ouvidos, mas por todos os nossos buracos, e que nos entope os sentidos como um vírus aviário.

No minuto seguinte eu estava no andar superior, tocando a campainha do senhor Ípsilon. Ele mesmo abriu a porta. Olhos miúdos, cabelos espetados, pernas curtas, parecia um porco-espinho alemão. Fui impertinente, admito. Invasivo. Fiz questão de entrar. Mesmo depois que ele desligou o aparelho de som, aquela música demoníaca continuou a vibrar dentro da minha cabeça.

“Ninguém do prédio reclama”, ele disse, quando expus novamente o problema. Listei mais uma vez os ruídos do dia e os da noite. Descrevi novamente o arrastão de móveis, o tropel diurno, o fluxo de descargas, e também o miado das cópulas.

Seus olhos brilhavam de ironia. “O que o senhor está me pedindo”, ele disse, baixinho, fazendo graça, como se houvesse ali plateia para o seu circo, “o que o senhor está querendo é que eu não exista. Viver é barulhento”, ele falou, levantando-se e dando três pequenos passos na ponta dos pés, como um coelho cauteloso. Estava fazendo troça de mim. “O que o senhor chama de barulho”, disse, “sou eu vivendo. Não posso viver no ‘mute’, viver aos cochichos, viver no volume dois, e de pantufas”, continuou, histriônico, disparando, finalmente, uma gargalhada craquelenta na minha cara.

Não sou um sujeito de brigas. Anoto tudo no meu caderninho mental. Faço nele a minha contabilidade negra. Desafetos, grosserias, favores negados ou pedidos, tudo é registrado com cuidado. O troco chega no dia D. Para este, lição de moral. Para aquele, ironia dupla. Todos que batem, levam. É assim que ajo. Ali, portanto, foi um ponto fora da curva. Bastou que ele liberasse seu frouxo de riso, para que eu, ato contínuo, o empurrasse pelos ombros. Ele também agiu no impulso, enxotando-me para fora do apartamento, com um safanão em meu peito. “Sociopata”, ele disse, batendo a porta na minha cara.

“Cachorro”, respondi do hall, sentindo o ódio se abrir para mim como um oceano majestoso e sem fim.



# 3

**NOSSA GUERRA AINDA DEMOROU** quase uma semana para eclodir. Senhor Ípsilon fez bem a parte dele: pateou, ribombou, zimbrou e tatalou noite e dia. Com afinco. Quanto a mim, posso dizer que cuidei de meu ódio como se fosse uma roseira, usando bile negra no lugar do estrume. Devo admitir ainda que forças estranhas contribuíram para a minha tragédia. Não quero aqui fazer nenhum exercício de prolepse, no entanto se este episódio me ensinou algo, é que o homem só é livre na inércia. Nunca mais deixei de considerar que os gregos podem ser muito fodidos hoje em dia, mas estavam certos quanto ao destino. Agora sei que o único fiapo de arbítrio que existe para nós, mortais, é a decisão de começar um processo. Na verdade, temos duas opções, só duas. Podemos comer a maçã. Ou ficar inertes como as pedras. Livre-arbítrio não é mais que isso: maçã ou pedra. Podemos ser pedra no campo. Não criar nem ter negócios, como ensina Epicuro. Porém, se desen-

cadeamos a ação, se damos a primeira mordida, tal como Eva, não somos mais donos da nossa vida. Outras forças passam a atuar, e o nome disso é sina.

Foi numa noite complicada que decidi lançar o primeiro torpedo. O tempo estava úmido, e o calor consumia a cidade. Eu voltava de um dia tenso na escola, depois de passar por um constrangimento inédito com meus alunos. É importante para a história que isso também fique registrado: Terra, Marte e outros planetas estavam representados por bolas de isopor, e fincados em palitos de churrasco, que eu movia ao redor da mesa, onde uma lanterna se mantinha fixa e acesa, simbolizando o Sol. Explicava assim o movimento de rotação e translação da Terra, quando uma menina sentada na primeira fila se levantou e disse que não era isso que ela aprendera no culto.

“Quem se move é o Sol”, ela afirmou.

“O que diz a Bíblia exatamente?”, perguntei.

A moça, cujos cabelos estavam esticados e amarrados na nuca, de onde pendia um grande chumaço que parecia uma estopa, iniciou uma explanação desarticulada sobre o episódio da disputa de Josué com o povo inimigo pelas terras de Canaã, no Livro dos Justos. Eu não conhecia a Bíblia. Não sabia quem era Josué. Muito menos os inimigos de Josué. E por isso mesmo passei a fazer perguntas, que a aluna não soube responder. Foi então que outro aluno evangélico se levantou e disse que eu estava zombando

de Deus e se retirou da classe, sendo seguido não apenas pelos outros evangélicos, mas por todo o rebanho que não estava nem aí para a minha aula.

Fiquei sozinho na sala, atordoado. Não era a primeira vez que me via obrigado a lidar com este tipo de ocorrência. No curso noturno, já tivera muita dificuldade para ensinar a teoria da evolução da espécie. Mas só naquele momento me dei conta do que iria acontecer num futuro próximo.

Corri para a diretoria e relatei o episódio. “Vejo um perigo real no magistério”, eu disse.

“Estamos sem água e sem papel”, afirmou Carmem, a diretora, para em seguida me largar sozinho em sua sala.

Fiquei duplamente perplexo. Para mim, era previsível desde logo que em poucos anos, talvez, não pudéssemos mais ensinar biologia evolutiva nas escolas. Darwin estava com seus dias contados no ensino médio. E agora ficava claro também que isso não tinha a menor importância. Foda-se Darwin, pensei. O que significa abrir mão de Darwin quando já não se tem mais papel e água nos colégios?

Antes de ir embora, retirei um volume da Bíblia de nossa biblioteca.

Mais tarde, em casa, e enquanto aguardava Marta, decidi ler o Livro dos Justos. Ao descer para a garagem, para buscar o volume que esquecera no banco de trás do carro, notei um risco na lataria da porta, bem acima do tanque

de gasolina. Só podia ter sido feito naquele momento. Se possuíssemos câmeras de vigilância, talvez eu agisse com cautela, e minha sorte seria outra. Sem elas, senti-me à vontade para riscar de ponta a ponta, com meu chaveiro, o Chevrolet azul do senhor Ípsilon.

A partir de então, as coisas aconteceram muito rapidamente. Foi uma batalha silenciosa, nenhum de nós fez alarde, porque, nessa fase do conflito, nenhum de nós estava pensando em justiça.

No início da semana, quando começou a greve na minha escola, ele murchou um dos meus pneus traseiros, e eu urinei sobre o jornal que ele assinava. Seu contra-ataque foi uma festa no sábado. No domingo, introduzi um prego na fechadura da sua porta, o que o obrigou a procurar um chaveiro no meio da madrugada.

Estranhei quando Gala não voltou para casa na quarta-feira, mas nem considerei a possibilidade de termos chegado à fase de eliminar coisas vivas. Todos no prédio conheciam nossa gata. Ela costumava entrar e sair do apartamento, para tomar sol no pátio anexo à garagem, pela janela basculante da área de serviço.

Um pouco antes das nove, Marta e eu saímos para procurá-la no condomínio, imaginando que pudesse estar presa em algum lugar.

Havíamos dado a volta pela parte externa do edifício, já estávamos na portaria, conversando com Francisco,

quando o senhor Ípsilon passou por nós, com sua aeromoça a tiracolo, um tipo asiático, bem vulgar, calçando um tamanquinho cleptcleptclept que vinha borboleteando em meus ouvidos durante toda a semana. “Matei sua gata”, ele me disse, sem palavras, só com os olhos. Um frio percorreu a minha espinha. Enquanto vislumbrava, num frisson de terror, o corpinho indefeso de Gala jogado num bueiro qualquer do bairro, entendi finalmente o caráter espiral do nosso conflito. Aquilo não ia parar. Não ia parar, porque o senhor Ípsilon não podia parar. Porque eu não conseguia parar. Porque havíamos colocado outras forças em ação, forças que agora nos tratavam como escravos.

Em casa, na cozinha, enquanto esquentávamos a sopa de lentilhas que Marta retirara do freezer, falei sobre minha suspeita. Ela me encarou, incrédula. “Por que alguém faria isso?”, perguntou, sem deixar de mexer na panela.

“Raiva”, respondi.

“Mas Gala não faz mal a ninguém.”

“Se quer um motivo concreto, eu lhe dou: as vassouradas.”

Marta nada sabia sobre a recente troca de obuses e granadas entre mim e o senhor Ípsilon. Eu tratava de mantê-la ignorante no assunto.

Ela comentou: “Alguém pode ter encontrado Gala perdida na vizinhança e a levado para casa.”

“Foi ele”, insisti.

“Gala sumiu outras vezes.”

“Ela foi assassinada”, gritei, irritado.

Não era minha intenção fazê-la chorar. Eu só queria que compreendesse que as pessoas não necessitam de um motivo sólido e consistente para cometer uma crueldade. “Basta falta de empatia”, eu disse. Basta indiferença.

Helena chegou a tempo de jantar conosco, e se inteirou do problema. Helena não era minha filha, mas me chamava de pai desde os seis anos, quando me casei com Marta. Enquanto tomávamos a sopa, ela tentou desdizer tudo o que havia dito no passado recente. Menos de dois meses antes, ela me garantia que não adiantava contratar um advogado especialista em direito imobiliário. “Nosso sistema não é apenas negligente em relação ao estresse acústico”, ela dissera. “É também caro e lento. Você vai gastar dinheiro, vai se estressar, vai esperar oito anos e continuará tendo problemas dessa natureza”. Dissera que ouvir música no volume máximo, gritar durante o sexo, martelar a parede ou o piso, nenhuma dessas aporrinhações que temos com vizinhos constituem crimes. “Esqueça a lei”, ela havia dito. “O problema no Brasil é que não podemos expulsar um morador de um condomínio, o que é um erro. No Uruguai não é assim. O cidadão é antisocial? Rua. Nos Estados Unidos é melhor ainda. Você pode proibir uma pessoa de comprar um apartamento no

seu prédio. Lembra do Nixon? Quando ele quis se mudar para um certo edifício em Manhattan, levou um não na fuça. Nenhum morador dali queria saber de repórter e Watergate na calçada em frente. Aqui é diferente. Evite briga, a qualquer custo.”

Agora ela afirmava o contrário. Mais até, admitia que minimizara o problema. Que chegáramos num ponto delicado. Que teríamos, sim, que contratar um advogado, ela cuidaria do assunto. Conhecia um profissional muito qualificado. Que, por favor, eu não tomasse nenhuma medida. Que eu jurasse que não faria nada.

Ouvi tudo em silêncio, tentando me acalmar.

Mais tarde, enquanto eu via na TV a imagem dos professores levando tiros de balas de borracha num conflito com a polícia, Marta e Helena prepararam e imprimiram no computador dezenas de folhetos sobre o desaparecimento de Gala. Estava claro que nenhuma delas havia acreditado na minha versão. O blá-blá-blá técnico visava apenas me imobilizar.

Ao sair com a filha, para espalhar os cartazes pelo bairro, Marta tinha os olhos injetados, a ponta do nariz parecia a de um palhaço. Ia chorar a noite toda, se não tomasse seu sonífero.

Quanto a mim, eu só pensava em vingança.